

Maria Luiza Iennaco de Vasconcelos

Developmental niche construction de Emma G. Flynn, Kevin N. Laland, Rachel L.

Kendal e Jeremy R. Kendal

Os autores iniciam o artigo falando sobre a Teoria de Construção de Nicho, destacando as diferenças e vantagens dela em comparação com a concepção tradicional de evolução natural, especialmente tratando-se dos múltiplos níveis de aprendizado expressados na construção de nicho (genético, desenvolvimento e cultural) e o feedback desses múltiplos níveis entre os processos de construção de nicho. Com isso em mente, a discussão principal do texto foi sobre o papel da transmissão bidirecional e cultural de informação relevante entre indivíduos no desenvolvimento de infantes através de 4 abordagens.

A primeira é a pedagogia natural que se trata da assistência de adultos às crianças, por meio de demonstrações referenciais dos aspectos relevantes, na aquisição de comportamento cultural. Esse processo cria um nicho cultural, facilitando a aquisição de conhecimento das crianças. A segunda é a teoria da atividade, a qual sugere que um aprendiz “ativo” está inserido em um contexto (nicho) social, histórico e político. A relação entre essa teoria e a construção de nicho expressa a complexa conexão entre artefatos, regras, comunidades, objetos e sujeitos. Além disso, a ideia de passividade durante o desenvolvimento de nicho é descartada. A terceira é a cognição distribuída que enfatiza a natureza dispersa de fenômenos cognitivos entre indivíduos, artefatos e representações internas e externas, se referindo à construção de nicho cognitivo, a qual é crucial para que crianças trabalhem juntas para aprender, empreender e desenvolver práticas culturais, contando com uma cooperação social. A última abordagem é a aprendizagem situada, na qual elucida que o que aprendemos depende estritamente de qual nicho nascemos, pois ele que fornece as oportunidades de aprender atividades e, além disso, ele fornece a habilidade de aprender “como aprender” para os indivíduos.

Como direções para estudos e tecnologias futuras, os autores apontam as imagens cerebrais que podem ajudar em diversas investigações acerca do cérebro e sua plasticidade e dos comportamentos para melhor compreendermos o desenvolvimento de nichos. Uma outra área importante para esses estudos é a da modelagem, para, por exemplo, prever as formas de interação entre herança ecológica e os mecanismos do desenvolvimento nas gerações. Por fim, a cultura influencia nas diferentes regras sociais que o indivíduo deve aprender dentro de um nicho, então essas regras são cruciais para o estudo com esse foco.

Desenvolvimento motor, construção de nicho e nicho de desenvolvimento de Briseida Resende

Fiquei muito feliz de ter tido a oportunidade de ler esse capítulo, pois ele conseguiu me esclarecer diversos pequenos pontos sobre a psicologia ecológica/cognição corporificada que eu não tinha me atentado antes. Se eu entendi bem, essa interpretação ecológica/corporificada foi um movimento necessário para analisar o comportamento que foi observado *in loco*, indo contra o cognitivismo intelectualista que está consolidado nas ciências do comportamento e do cérebro. O interessante de tal interpretação é que a maioria das suposições feitas pelos pesquisadores não envolvem muitas abstrações e complexidades intelectuais para os animais fazerem sentido em suas atividades. A conexão com o ambiente é explícita e crucial para a sobrevivência dos animais, inclusive dos seres humanos, embora para nós, geralmente o ambiente não tenha um reconhecimento devido.

Isso me faz pensar nos indígenas e sua conexão incrível com a natureza. A construção de nicho local deles é completamente compatível com as *affordances* da natureza e, mesmo que haja alterações, não há nenhum esgotamento de recursos que impossibilita outro tipo de vida naquele local. Eles conseguem fazer parte dos ciclos e círculos do ecossistema que vivem de forma harmoniosa. Me pergunto por que ainda é tão difícil consolidar a importância desses ciclos e do ambiente na construção e desenvolvimento de nossas culturas e sociedades. É claro que, em estudos de neurociência, por exemplo, é difícil incluir o ambiente e a agência plena nos experimentos, mas isso não deveria ser motivo de (1) querer uma mudança radical da ciência (como alguns enativistas propõem) ou (2) ignorar as novas perspectivas filosóficas (como alguns neurocientistas tradicionais já fazem). Acho que é possível continuar com os estudos neurocientíficos cerebralistas mas tentar cada vez mais inseri-los em contexto, seja com a ajuda de novas tecnologias ou mesmo com novas perspectivas para interpretar aquilo observado. A metodologia utilizada em estudos etológicos são um meio termo interessante, mas acho que não seria/foram facilmente aceita para estudos em humanos pois entraríamos na discussão levantada no surgimento do behaviorismo, que questiona se é possível constatar a consciência humana apenas através do comportamento.

Eu gosto muito do Andy Clark por ele ser eclético e fazer uma filosofia sem rótulos. Conheci ele pelo seu trabalho sobre Processamento Preditivo (que é o que eu

estudo) e, embora seu livro *Surfing Uncertainty* (2016) tenha sido criticado por parecer “cerebralista”, eu entendi que ele estava explicando o papel do cérebro **dentro** do ciclo ação-percepção, jamais excluindo a importância do ambiente nesse ciclo. E, ao ter contato com a literatura mais antiga dele, é possível entender melhor ainda seu trabalho atualmente. É empolgante fazer parte de estudiosos que largaram as dicotomias e tradições para lá e tem tentado trabalhar cada vez mais com espectros e perspectivas inter e transdisciplinares, complexas e dinâmicas.